



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS  
FACULDADE DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**LUIS WELBSON FARIAS SERRÃO**

**A RELAÇÃO DO RURAL-URBANO NO BAIRRO CINTURÃO VERDE EM  
CAMETÁ, PARÁ**

**Cametá  
Junho de 2022**

**LUIS WELBSON FARIAS SERRÃO**

**A RELAÇÃO DO RURAL-URBANO NO BAIRRO CINTURÃO VERDE EM  
CAMETÁ, PARÁ**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Federal do Pará, do Campus do Tocantins Cametá. Apresentado à Faculdade de Geografia como requisito para obtenção do título de Licenciado Pleno em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Mario Júnior de Carvalho Arnaud

**Cametá-PA  
Junho de 2022**

# **A RELAÇÃO DO RURAL-URBANO NO BAIRRO CINTURÃO VERDE EM CAMETÁ, PARÁ**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado Pleno em Geografia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Geografia, da Faculdade de Geografia, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará.

Cametá, PA, de 30 junho de 2022.

---

**Prof. Dr. Mario Júnior de Carvalho Arnaud**  
**Orientador**  
(FAGEO/CUNTINS/ UFPA)

---

**Prof. Dr. Rosivanderson Baia Corrêa**  
**Avaliador Interno**  
(FAGEO/CUNTINS/ UFPA)

---

**Prof. Dr. Mateus Monteiro Lobato**  
**Avaliador Externo**  
(FACGEO/CAMPUS DE ALTAMIRA/ UFPA)

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, suas lutas foram a mola propulsora que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis que passamos. Agradeço do fundo do meu coração, pelo carinho, afeto, dedicação e cuidado que me deram durante toda a minha existência. Aos meus irmãos, companheiros de lutas, com vocês compartilhei os melhores dias da minha vida e em meio a tantos obstáculos hoje posso dizer! Essa vitória não é só minha é de vocês. Agradeço sempre, por permanecerem em minha vida mesmo distante, mais nunca ausentes por estarem comigo em todos os momentos. Amo vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus familiares pelas palavras de incentivo, ao meu pai e mãe e meus irmão pela compreensão, carinho, e por serem sempre minha fonte de inspiração nos estudos, a minha esposa Silvia pela força incentivo e por compreender a importância da realização deste sonho.

Ao meu amigo Claudedir Vasconcelos pelo apoio desde minha inscrição no Enem, até minha matricula na universidade, presença fundamental em minha vida.

Aos meus professores da graduação José Carlos da Silva Cordovil, Mário Arnaud, Marcel padinha, Edir Augusto Dias, Rosivanderson Correa, Wellington Moraes, Carla Braga, João Silva dentre outros, que deram sua parcela de contribuição durante todos esses anos de formação acadêmica criando espaços de diálogo na ciência geográfica bem como laços de amizades.

Aos meus amigos geógrafos, colegas de turma obrigada pela aprendizagem e pelo companheirismo e por todos os ensinamentos compartilhados durante nossa jornada acadêmica.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

“Não é fácil quanto possa parecer a fixação das áreas urbanizadas em nosso país. Antes de mais nada, devemos enfrentar um problema essencial: o que se deve considerar urbano e, mais ainda, qual o critério para distinguir uma aglomeração urbana de uma aglomeração rural” Azevedo (1970, p. 221)

## **Resumo**

O presente trabalho traz um estudo de caso sobre a relação do rural-urbano em Cametá, estado do Pará, em um bairro chamado de Cinturão verde. Este possui uma particularidade em relação a definição desses espaços, provocando um conflito tanto no que diz respeito ao processo de planejamento territorial, quanto a implantação de políticas e modificação de identidade dos sujeitos envolvidos. Na metodologia deste, fizemos levantamento e análise bibliográfica do tema, depois aplicação de entrevistas semiestruturadas junto aos sujeitos envolvidos, seja do poder público municipal seja moradores do bairro com o intuito de entender como se expressam a relação e forma-conteúdo do rural-urbano no bairro nos dias atuais, analisando as reconfigurações do espaço ao longo da sua trajetória de constituição. Teoricamente trabalhamos com Endlich (2006), Abramovay (2000), Tavares (2009), Marques (2002), Rua (2006), Lefebvre (1969), Lomba e Junior (2013) entre outros que possibilitaram transformar assim o presente trabalho em uma ferramenta a ser utilizado pelo Poder Público para o conhecimento dos problemas enfrentados pelos moradores deste espaço. Assim, foi possível constatar que há uma diferença de intensidade na implantação de serviços tanto no espaço urbano como rural, pois este último carece de ações no que tange os programas de financiamento e infraestrutura. Vimos também que há uma concentração de serviços e políticas públicas em áreas mais centrais. Assim, o rural e o urbano, o campo e a cidade comportam relações dialéticas que se complementam, se interpenetram e se ligam.

**Palavras-chave:** Rural. Urbano. Assentamento. Cametá. Bairro Cinturão Verde.

## **ABSTRACT**

The present work presents a case study on the rural-urban relationship in Cametá, state of Pará, in a neighborhood called Cinturão verde. This has a particularity in relation to the definition of these spaces, provoking a conflict both with regard to the territorial planning process, as well as the implementation of policies and identity modification of the subjects involved. In this methodology, we carried out a survey and bibliographic analysis of the theme, then applied semi-structured interviews with the subjects involved, whether from the municipal government or residents of the neighborhood, in order to understand how the relationship and form-content of the rural-urban are expressed in the neighborhood in the present day, analyzing the reconfigurations of space throughout its trajectory of constitution. Theoretically, we worked with Endlich (2006), Abramovay (2000), Tavares (2009), Marques (2002), Rua (2006), Lefebvre (1969), Lomba and Junior (2013) among others that made it possible to transform this work into a tool to be used by the Public Power for the knowledge of the problems faced by the residents of this space. Thus, it was possible to verify that there is a difference in intensity in the implementation of services both in urban and rural areas, as the latter lacks actions regarding financing and infrastructure programs. We also saw that there is a concentration of services and public policies in more central areas. Thus, the rural and the urban, the countryside and the city comprise dialectical relationships that complement, interpenetrate and link each other

**Key-words:** Rural. Urban. settlement. Cametá. Green Belt Neighborhood.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Assentamento/Criação de estratégias de lutas para a permanência do assentamento ou sua efetiva transformação em um bairro na cidade de Cametá/PA....	24
<b>FIGURA 2:</b> Localização do Bairro cinturão verde.....	25
<b>FIGURA 3:</b> Contrates: antes e depois do assentamento.....	26
<b>FIGURA 4:</b> Criação de Frangos no assentamento Cinturão Verde .....	27
<b>FIGURA 5:</b> Bairro Cinturão Verde em 10 de julho do ano de 2005.....	28
<b>FIGURA 6:</b> Bairro Cinturão Verde em 25 de julho do ano de 2014.....	29
<b>FIGURA 7:</b> Bairro Cinturão Verde em 24 de junho do ano de 2017.....	29
<b>FIGURA 8:</b> Bairro Cinturão Verde em 22 de janeiro do ano de 2021.....	30
<b>FIGURA 9:</b> Casa do projeto com luz Elétrica clandestina.....	32
<b>FIGURA 10:</b> Poço artesiano.....	32
<b>FIGURA 11:</b> Rede elétrica atual no cinturão verde.....	32
<b>FIGURA 12:</b> Poço artesiano/fechado.....	32
<b>FIGURA 13:</b> Posto de saúde do bairro.....	33
<b>FIGURA 14:</b> Carro coletor de lixo no bairro.....	33
<b>FIGURA 15:</b> Imagens aéreas do desenvolvimento da Piscicultura no bairro Cinturão verde.....	35
<b>FIGURA 16:</b> Imagens aéreas do desenvolvimento da produção de hortaliças/ Bairro Cinturão verde.....	36
<b>FIGURA 17:</b> Imagens aéreas do desenvolvimento da produção da Maracujá/ no cinturão verde.....	37
<b>FIGURA 18:</b> Imagens aéreas do desenvolvimento da produção da Banana no cinturão verde.....	37
<b>FIGURA 19:</b> Imagens aéreas do Granjeiro no cinturão verde.....	38

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A RELAÇÃO RURAL-URBANO NA AMAZÔNIA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 A relação Rural-urbano no campo teórico.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 A relação Rural-urbano: ações de políticas públicas e nos movimentos sociais.....</b>	<b>19</b>
<b>3 A GEOGRAFIA E A HISTÓRIA DO CINTURÃO VERDE EM CAMETÁ, PARÁ.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Histórico e formação do Assentamento Cinturão Verde.....</b>	<b>24</b>
<b>4 AS CONFIGURAÇÕES GEOGRÁFICAS DO CINTURÃO VERDE EM CAMETÁ: de rural a urbano? .....</b>	<b>28</b>
<b>4.1 Transformações e reconfigurações no Assentamento Cinturão verde.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2 Cinturão Verde: continuidades e permanências de um assentamento ou um bairro de Cametá? .....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A compreensão sobre o rural e o urbano na região amazônica não é uma tarefa simples em virtude das suas particularidades que a diferenciam de outras regiões. No final do ano de 2004 foi criado o assentamento Cinturão Verde que naquele momento recebeu o nome de Aricurá I, através de uma parceria entre a prefeitura de Cametá e o INCRA. Criado durante a gestão do prefeito José Quaresma (PT), a proposta para o assentamento foi pensada a partir de um Projeto de produção de hortaliças, com objetivo de assentar sessenta (60) famílias para desenvolverem a produção da agricultura.

O terreno do assentamento era propriedade de um padre do município que o cedeu à prefeitura e nele habitavam de modo clandestino algumas famílias que foram contempladas. Estas moravam de forma precária em casebres improvisados, sem condições de higiene, comprometendo sua saúde e tendo como fonte de renda o trabalho em roça clandestina.

Com o assentamento Cinturão Verde, foi possível a construção das unidades domiciliares, sob responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, possibilitando uma melhora na condição de vida dessas pessoas. Porém, apesar da construção das casas, estas não receberam o acabamento e nem a construção dos banheiros, os moradores locais não receberam serviços básicos para uma melhora na qualidade de vida, e assim entende-se dessa forma que o projeto não alcançou seu objetivo, visto que a moradia não deve ser considerada o único bem para se viver dignamente, mas sim interligada com um conjunto de outros direitos.

Esse conflito torna-se ainda mais intenso, quando se trata da realidade da cidade de Cametá, onde as áreas destinadas à expansão urbana possuem uma presença rural, tanto no aspecto econômico, quanto cultural. Porém, isso não significa que há um afastamento do urbano, mas sim uma interação entre cidade/campo, e relação do urbano/rural, levando em consideração, especialmente, as atividades que as famílias desenvolvem como diversas estratégias de sobrevivência e que para isso precisam circular constantemente entre esses dois espaços.

A motivação para estudar sobre a temática surgiu a partir da nossa inserção no bairro, como morador, conhecendo a realidade e o processo de mudanças ocorridas no espaço durante esses 15 anos de existência do que antes era um assentamento e que hoje se transformou em bairro. O desejo de contribuir na busca de melhores condições de vida

para a população local, constituem-se em uma justificativa de cunho pessoal para a realização desta pesquisa.

Considerando o exposto, o objetivo central desta pesquisa foi entender como se expressa a relação forma-conteúdo do rural-urbano no bairro do Cinturão verde em Cametá. E além do mais busca-se atingir outros objetivos específicos como entender quais eram as perspectivas do governo Municipal na época ao implantar o assentamento rural na área que hoje é o bairro cinturão verde; analisar as consequências do avanço da urbanização na identidade dos sujeitos envolvido e explicar as transformações na configuração do espaço na época da implantação do assentamento no ano de 2004, e hoje nos dias atuais.

No início da pesquisa buscamos maior familiarização com o tema. Assim, elencamos os documentos sobre o objeto estudado, como: o processo de doação, construção e legalização do assentamento Cinturão Verde, registros sobre as instituições e organizações da cidade como o sindicato e o processo de atuação da igreja católica, já que esta obteve grande participação no processo de implantação de programas de fomento à agricultura na área bem como em alguns órgãos como o INCRA e a EMATER. Neste último, obtivemos muito êxito.

Num segundo momento, foi realizado como procedimento metodológico a pesquisa de campo, utilizando a técnica de pesquisa adequada, como questionários entrevistas semiestruturadas, a qual foi realizada durante o mês de maio, julho e agosto de 2021, sendo que todas as entrevistas, perfazendo um número de 10 no total, incluindo moradores mais antigos e um representante do governo no ano da implantação do projeto foram realizadas no primeiro mês.

A técnica de pesquisa relacionada as entrevistas semiestruturadas, com representantes do governo municipal na época da implantação do projeto tais quais: o secretário de Agricultura do ano de 2003 para a obtenção de informações sobre a efetivação do assentamento cinturão verde, e com 09 moradores mais antigos que se mantem na área desde do ano 2003. Com relação as entrevistas com estes últimos, foram enfatizadas questões sobre a concepção de identificação desses sujeitos enquanto seu local de moradia, seus hábitos, sua prática econômica e cultural.

A presente pesquisa parte da hipótese de que a ausência do poder público nas áreas periféricas, observada na falta de saúde, educação saneamento básico, entre outros, ocorre pois, não houve e não há um planejamento urbano eficaz no município capaz de

solucionar os problemas do mesmo, levando em consideração seu grande território, e tomando o local de pesquisa como exemplo esse planejamento não ocorreu, pois o espaço que era pra ser assentamento, um espaço rural, para desenvolver projetos voltados a agricultura em menos de 05 anos, já havia se entrelaçado com a mancha urbana, demonstrando assim a falta de um planejamento tanto para a área rural quanto para a urbana, de uma cidade em expansão como Cametá.

Esta monografia é constituída por três capítulos, além da introdução e das Considerações finais, sendo assim estruturado da seguinte forma: na seção 2, apresentaremos os estudos sobre a relação rural-urbano na Amazônia, onde será discutido a relação do Rural-urbano no campo teórico bem como a relação rural-urbano e as ações de políticas públicas e os movimentos sociais. Na seção 3, será explanado a geografia e a história do cinturão verde em Cametá, Pará, onde será descrito seu histórico e formação dentro do processo de expansão urbana da cidade de Cametá-PA, na sequência na seção 4, será relatado as configurações geográficas do cinturão verde em Cametá: de rural a urbano? Assim como as discussões entorno das transformações e reconfigurações ocorridas no espaço citado, abordando as continuidades e permanências de um assentamento que se tornou um bairro do município e por fim as considerações finais.

Podemos concluir com este trabalho, embasados nas pesquisas realizadas do que seria o espaço urbano e rural, que independente desses espaços serem identificados nesta abordagem, eles podem obter ou não serviços e investimentos em políticas públicas, principalmente no que tange os programas de financiamento e infraestrutura em lugares mais afastados ou considerados menos importante politicamente, visto que há uma concentração de serviços e políticas nas áreas centrais, entende-se que o processo de desigualdade existente nesses espaços está relacionado diretamente à ausência de um Planejamento territorial que possa garantir as demandas da população.

## **2 A RELAÇÃO RURAL-URBANO NA AMAZÔNIA**

### **2.1 A relação Rural-urbano no campo teórico**

As literaturas consultadas sobre a relação rural e urbano mostram que tal abordagem constituem-se em termos que proporcionam contornos, recortes, e definições específicos de acordo com os campos do saber, bem como com as características e singularidades dos lugares e suas representações políticas, simbólicas e culturais recheadas de intencionalidades.

Desta maneira, observamos a importância de se pensar as alterações que circundam o conceito do rural e do urbano na Amazônia para melhor se abarcar não somente as especificidades.

Nesse sentido, através de um olhar pragmático, o estabelecimento dos limites do rural e do urbano continua sendo motivo de preocupação e de muita imprecisão, especialmente no que refere às delimitações de perímetros urbanos e rurais e classificação de áreas para fins estatísticos (ENDLICH, 2006). Sendo assim, as fronteiras oficiais e/ou demarcação administrativa vem sido empregados como adjetivos territoriais enquanto elementos para expressar as diferenciações entre o rural e o urbano, perspectiva esta que tende a auxiliar o poder público na constituição de planos, programas e projetos (ENDLICH, 2006).

Segundo o IBGE 2000, em 40 anos, entre 1960 e 2000, as cidades brasileiras receberam 106 milhões de novos habitantes. População urbana era 45% em 1960 e 80% era população rural já em 2000 55% era a população urbana quanto que a rural caiu para 30%. Assim, observamos que desde a década de 1980, quando se inicia um período de estagnação econômica, a precariedade habitacional vem assumindo contornos cada vez mais graves, que se expressa nas favelas ou invasões.

A cidade de Cametá mesmo em suas especificidades quando se pensa em cidade ribeirinha, não foge à regra, passando a sofrer as influências do modelo de desenvolvimento e expansão que comandou nossa urbanização brasileira, que produziu cidades marcadas pela presença das chamadas “periferias” e “favelas”. Essa realidade de povoamento que foi responsável pelo povoamento desordenado na nossa cidade, característico de quase todos os bairros, incluindo aí o bairro do Cinturão Verde que marca muito a relação rural urbano de nosso município.

As áreas ambientalmente frágeis – beira de córregos, rios e reservatórios, encostas A história da cidade mostra um notável crescimento econômico capitaneado por uma elite que plasmou no urbanismo, através do sistema viário, a influência americana que tomou lugar da decadente dominação inglesa, no início deste século. (LEME, 1990).

Ao seu modo, Abramovay (2000) levanta a necessidade de definição de um patamar demográfico como elemento a ser considerado para se estabelecer uma diferenciação entre o rural e o urbano. Segundo a perspectiva deste autor, a concentração e/ou aglomeração demográfica expressaria o urbano, ao passo que o rural definir-se-ia como sinônimo de dispersão.

Por sua vez, a Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico – OCDE - define o rural como espaço que apresenta menor densidade demográfica quando comparado com o meio urbano (ENDLICH, 2006). Para o caso do Brasil, considerando os parâmetros da OCDE, somente seriam urbanos os espaços que apresentassem

Entretanto, para além desse significado simples e introdutório, é conveniente perceber que rural e urbano são, além de tudo, tipos diferentes de práticas cotidianas. Desse modo, podem existir práticas rurais no espaço das cidades ou práticas urbanas no espaço do campo. Por exemplo: um cultivo de hortaliças dentro do espaço de uma cidade (embora isso seja cada vez mais raro nos grandes centros urbanos) é um caso de prática rural no meio urbano. Da mesma forma, a existência de um hotel fazenda ou um *resort* em uma zona afastada da cidade é um exemplo de prática urbana no meio rural. (PENA, 2002).

[...] ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há crescente evidência de que os domicílios rurais (agrícolas e não-agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. Finalmente, existem empreendimentos agropecuários, em alguma medida, nas áreas urbanas [...] (ABRAMOVAY, 2000, p. 6).

É importante salientar, que em linhas gerais, uma das principais diferenças entre urbano e rural está contida nas práticas socioeconômicas, já que historicamente o espaço rural, engloba predominantemente atividades vinculadas ao setor primário como o extrativismo, agricultura e pecuária, ao passo que o espaço urbano costuma reunir atividades vinculadas ao setor secundário da indústria e produção de energia e terciário como comércio e serviços. (PENA, 2002).

Outra diferença entre urbano e rural está na amplitude dos respectivos conceitos, ou seja, em termos de escala, a abrangência espacial do meio rural é muito maior, pois ele agrupa tanto as áreas transformadas e cultivadas (espaço agrário) pelo homem quanto o espaço natural, pouco transformado ou mantido totalmente sem intervenções antrópicas.

Por outro lado, a cidade, embora possua uma maior dinâmica econômica, apresenta-se em espaços mais circunscritos, mesmo com o crescimento desordenado dos espaços urbanos na maioria dos países periféricos e emergentes.

Sabe-se que a partir do sistema capitalista a cidade passa a apresentar uma nova dinâmica, voltada especificamente para produção de riqueza, é vista concomitantemente como o lugar de bens, de oportunidades, de melhores condições de vida e de trabalho, mas é também o espaço da desigualdade, da pobreza e da exploração.

No Brasil a definição do rural e do urbano se estabelece através de critérios político-administrativo, não apenas intensificando a desigualdade entre os espaços, resultando a dicotomia regida por um longo tempo, mas, também mantendo o Brasil estagnado no ponto de vista de definição do que é urbano e rural. O debate sobre o urbano/rural parte de diferentes abordagens, mas muitos trazem como ponto de partida a insatisfação sobre a definição desses espaços, como mostra Schneider, Blume (s/a, p. 04).

A insatisfação com as definições do que seja rural que se adotam no Brasil e a crítica à normativa que o IBGE utiliza, assentada em um critério político e administrativo que decorre da definição dos perímetros urbanos pelo poder público local (executivo e legislativo municipais), restando a simplificação que o rural se define como a área física que resta depois de definido o que seja urbano (SCHNEIDER, BLUME. s/a, p. 04).

A responsabilidade do poder público em estabelecer o que é urbano e rural, reflete na importância dada a alguns espaços, que segundo TAVARES (2009) a concepção de urbano passa a ser aplicado inúmeras vezes para qualificar o espaço, onde entende-se a implementação de políticas e serviços de forma mais concentrada, ou mesmo para conferir as relações em um determinado espaço.

Legalmente a definição de área urbana, a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-1999), se dá por representações materiais, “caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por construções decorrentes do desenvolvimento urbano e aquelas reservadas a expansão urbana”.

A partir dos critérios adotados pelo IBGE, percebemos que existe uma contradição entre o que deveria ser urbano e o que é urbano no Brasil, e em especial, na Amazônia, pois nessa região em diversas sedes de municípios não há uma dinamização de cidade urbanizada, no que diz respeito às funções da cidade. Ao nosso entender, a utilização de

apenas critérios quantitativos pode provocar uma leitura confusa do que venha a ser uma cidade urbana, ou seja, a ausências de critérios mais elaborados e de diversos aspectos.

Ratificando esta ideia MARQUES (2002), diz que nessa classificação o rural passa a ser visto como um espaço definido por suas carências, e ainda acrescenta a arbitrariedade do poder municipal nessa definição;

O espaço rural corresponde a aquilo que não é urbano, sendo definido a partir de suas carências e não de suas características. Além disso, rural, assim como o urbano, é definido pelo arbítrio dos poderes municipais, o que, muitas vezes, é influenciado por seus interesses fiscais. (MARQUES, 2002, p. 97).

RUA (2006) simplifica essa ideia de definição oficial do que é urbano. Para ele “Rural é tudo o que não é urbano”. Então se a definição do rural se estabelece a partir de suas carências, isso demonstra que há uma deficiência na qualidade de vida das pessoas que lá residem.

Segundo dados do IPEA, a pobreza é mais elevada no campo do que na cidade, o índice de escolaridade é baixo, havendo uma taxa elevada de analfabetismo. Diante dessa realidade, o rural apresenta diversos problemas no âmbito da implantação de políticas básicas como água tratada, energia, educação e saúde, que provoca diversas consequências, inclusive, na saúde dessas famílias.

Apesar do entrelaçamento dos espaços rural e urbano, a lógica capitalista caracteriza o rural como espaço de atraso pelas ausências, ou como espaço para exploração, que degrada o meio ambiente e ainda fortalece a desigualdade e a expulsão de famílias das suas respectivas terras. Vimos anteriormente que segundo o IBGE, o urbano é definido por construções e quantidade populacional, o rural é caracterizado pela ausência destes.

A nossa discussão inicial sobre a definição do espaço rural, podemos perceber que o mesmo apresenta uma configuração complexa, ora se mostra um espaço em desenvolvimento, ora um espaço de pobreza, dependendo do ângulo pelo qual é visto.

Portanto, em termos de hierarquia econômica, podemos falar que, originalmente, o campo desempenhava um papel preponderante sobre as cidades já que, foi o desenvolvimento da agricultura e da pecuária que permitiu a formação das primeiras civilizações e o seu posterior desenvolvimento. Posteriormente, com o avanço da Revolução Industrial e as transformações técnicas por ela produzidas, o meio rural se pôs cada vez mais dependente ao urbano, uma vez que as práticas agropecuárias e extrativistas

passaram a estar amarradas cada vez mais das técnicas, tecnologias e conhecimentos produzidos nas cidades.

Em suma, atualmente, o urbano e o rural constituem uma relação socioeconômica e até cultural bastante ampla, muitas vezes se proporcionando de forma não coesa e profundamente marcada pelo avanço das técnicas e pelas transformações produzidas a partir dessa conjuntura. Nessa relação, o espaço geográfico estrutura-se em toda a sua complexidade e transforma-se em reflexo e condicionante das relações sociais e naturais, denunciando as marcas deixadas pelas práticas humanas no meio em que se estabelecem.

Em parte, concorda-se com os autores, MARQUES (2002), RUA (2006) e TAVARES (2009) já que o rural não é um espaço homogêneo, se diferenciando conforme sua região, levando em consideração que em algumas o rural possui um dinamismo mais acelerado e gerador de empregos, já em outras pode-se dizer que é um espaço que não recebe quase nenhum investimento e que por isso se torna um espaço de grandes dificuldades, como é o caso do bairro Cinturão Verde.

Em cidades do interior amazônico, como é o caso de Cametá a definição do meio rural é realizada pelo poder público municipal, na maioria das vezes, de forma arbitrária, e com o processo de expansão urbana desordenado, o problema se intensifica, haja vista que o espaço sofre influências, provocando modificações tanto no modo de vida da população, bem como provocar ações como a especulação imobiliária, parcelamento clandestino do solo rural. Com o exposto, percebe-se que a definição desses espaços implica em danos para a população que vive da pequena propriedade e da produção agrícola, esse prejuízo pode ser revestido se houver um planejamento territorial da expansão da cidade, a partir de instrumentos como o plano diretor do município.

## **2.2 A relação Rural-urbano: ações de políticas públicas e dos movimentos sociais**

Compreender os espaços urbano e rural é um desafio em virtude das suas particularidades que as diferenciam de outras regiões, seja pelo quantitativo populacional existente nessas cidades ou pela ótica da própria divisão social do trabalho juntamente com a divisão social territorial. Deve ser levado em consideração a modificação da paisagem e da função desses espaços. Essa dinâmica geral afeta não apenas as formas e conteúdo das trocas materiais e imateriais realizadas entre cidade e campo, como também passa a ser incorporada no debate teórico acerca da relação entre as duas categorias. (LOMBA e JUNIOR, 2013)

Neste contexto, a cidade se torna um centro importante da produção contemporânea. A partir do desenvolvimento das forças produtivas com novas técnicas, ocorre a interiorização da indústria e a modernização dos espaços rurais, por exemplo. Como consequência dessas transformações mais gerais, os espaços são cada vez mais complexos em termos de seus conteúdos rurais e/ou urbanos. (LOMBA e JUNIOR, 2013, P.02)

Para Rua (2006), compreender o rural depende da consideração das relações de poder, do exercício de hegemonia e da dialética entre igualização e diferenciação como tendências a serem observadas nas interações espaciais entre ele e o urbano.

Assim, as classes sociais rurais (grandes proprietários e camponeses) devem agregar-se ao sistema hegemônico vigente pois essa cooperação nos dias atuais e indispensável e, portanto, é possível observar que tanto no campo como na cidade, podem coexistir características desses dois espaços presentes no conjunto de objetos e ações, nos arranjos espaciais desenvolvidos mediante as relações de poder. A ausência de critérios mais elaborados e cautelosos que englobem diversos aspectos e os interesses de grupo pode provocar consequências principalmente para a classe trabalhadora.

O descaso e os interesses particulares na definição e na delimitação desses espaços, provoca um desconhecimento de tudo que está além do perímetro urbano, e por não haver hoje uma perspectiva de desenvolvimento do espaço rural sem que esteja atrelado ao capital, acaba por ocorrer assim uma divisão desses dois espaços, que ao invés de se complementarem, são cada vez mais separados pela lógica do capitalismo. Hoje para muitos municípios as atenções para o espaço rural ficam mais evidentes com a chegada do agronegócio, em outras palavras “o campo é visto como atrasado onde apenas predominam as atividades agrícolas para abastecer a cidade, pelo fato das ações do agronegócio não se configurarem ali” (LOMBA e JUNIOR, 2013, P.05).

As características em que a região amazônica foi inserida e pensada pelo Governo federal no início da ocupação do espaço está ligado ao processo de colonização que se impôs no âmbito da incorporação no contexto de mundialização do capital, cujas contradições estão expressas nas paisagens e configurações territoriais urbanas e rurais da Amazônia brasileira, a partir da reprodução de assentamentos urbanos, conflitos fundiários, concentração de terra, violência no campo e na cidade, segregação socioespacial, condições de vida precária em espaços urbanos e rurais.

A relação rural e urbana e suas implicações no decorrer dos tempos trouxe consigo o fenômeno dos movimentos sociais cada vez mais expressivos e com alcance político mais abrangente no mundo contemporâneo, pois hoje com o advento do meio técnico científico informacional, as lutas sociais sejam pela terra ou outra acabam ganhando visibilidade e os grupos dos movimentos sociais acabam atuando em redes interligadas entre si.

Se classificarmos as principais categorias de análise das redes de atores coletivos que se organizam para enfrentar os problemas rurais brasileiros veremos que existem diferentes níveis de demandas sociais e políticas oriundas dessas redes de movimentos, bem como as tensões e os desafios que enfrentam na busca de respostas à diversidade de suas pautas.

Nesse sentido, são vários os formatos organizacionais dos movimentos sociais no campo, tanto no que tange ao alcance político, quanto à capacidade de mobilização de um movimento estruturado em rede. Podemos afirmar também que se relacionam com sua competência e criatividade em articular as várias escalas organizacionais que vão do local ao regional, ao nacional e ao transnacional.

Dentre os formatos da sociedade civil organizada destacamos as entidades e movimentos sociais específicos (Associações e sindicatos rurais, acampamentos e assentamentos, CEBs, pastorais, ONGs, núcleos locais de movimentos, etc.), no nível político articulatório os fóruns, redes interorganizacionais (FNRA, Via Campesina do Brasil, Assembleia Nacional Popular etc.), destacamos também no nível mobilizatório na esfera pública: Marchas (da Reforma Agrária, das Margaridas<sup>2</sup> e outras), campanhas, “semanas”, “grito dos excluídos”, “mutirões sociais” etc.; e pôr fim a rede de movimento social que incluem o Conjunto das práticas e políticas formadas pelos três níveis anteriores (Movimento Sem-Terra, movimentos indígenas, quilombolas, atingidos por barragens, mulheres agricultoras etc.) SCHERER-WARREN (2007, P. 06). Assim os movimentos sociais são,

[...] são agências de mediação, [...] são sempre representações da reivindicação, de espaços e ou de territórios [...] Não são sujeitos reivindicando um território. [...] são entidades de apoio ou contrárias aos movimentos socioterritoriais e socioespaciais, são agências intermediárias, que produzem espaços políticos e se espacializam. (FERNANDES, 2005, p. 31).

Sabendo disso é importante frisarmos como estes movimentos se constituem e se articulam, o nível organizacional, por exemplo é constituído pelas entidades e/ou formas associativas formalizadas ou semiformalizadas, estabelecidas em territórios definidos e

com atuação contínua em relação ao cotidiano de sua população-alvo. Refere-se aos denominados “movimentos ou organizações de base” ou aos mediadores diretos (ONGs, pastorais) que atuam junto a essas bases.

Nesse mesmo sentido, SCHERER-WARREN (2007), relata o nível político articulatório, que refere-se às diversas formas de intercomunicação, diálogo e articulações desenvolvidas por coletivos interorganizacionais em torno de finalidades e lutas comuns, por exemplo, como no Fórum Nacional de Reforma Agrária e Justiça no Campo (FNRA), que defende a limitação do tamanho da propriedade rural, a distribuição de terra pela reforma agrária e a demarcação e titulação de terras quilombolas e indígenas, dentre outras demandas de grupos setoriais (mulheres, jovens etc.). Entre suas estratégias incluem-se também a formulação de propostas de políticas sociais e a participação nas políticas públicas.

Os sujeitos participantes dos movimentos sociais atuam diretamente na esfera pública, em seu sentido reivindicatório. Por meio desse tipo de atuação os movimentos buscam a visibilidade e o reconhecimento de suas demandas junto à sociedade civil, aos governos e à mídia. Tendem, assim, a assumir formas de pressão e reivindicação junto à esfera estatal. Ou seja, a atuação junto ou indo de encontro a esfera pública, por parte dos sujeitos é constante, devido as suas reinvidicações.

Por fim, temos o que se define como o conjunto das práticas políticas formadas pelos três níveis mencionados, isto é, o organizacional, o articulatório e de mobilização, que se sobrepõem as expressões meramente empíricas desses níveis, objetivando à construção de uma lógica de movimento que inclui a construção identitária da luta, a definição de adversários ou opositores sociais ou sistêmicos, em nome de um projeto ou utopia de transformação social, cultural, política ou sistêmica. (SCHERER-WARREN, 2007, P.3)

Nesse sentido, de acordo com a teoria dos Novos Movimentos Sociais, ações coletivas se estruturam a partir de repertórios instituídos sobre temas e problemas em situações de conflito e disputa. Segundo Melucci, (2001), as ações coletivas são produzidas por orientações intencionais ampliadas dentro de um campo de oportunidades e restrições, sendo assim, a concepção de ações coletivas está sujeita a mediação das capacidades cognitivas dos atores individuais e de suas estratégias.

Partindo desse pressuposto, Touraine (2006) acrescenta que os movimentos sociais são “atores de um conflito, agindo com outros atores organizados, que lutam pelo uso social dos recursos culturais e materiais, aos quais os dois campos atribuem, tanto um com o outro, uma importância central”. Nesta fala, o autor demanda que os movimentos

sociais exibem um marco característico, de forma que assinalam diretamente para o sistema político, e buscam construir uma identidade que lhes deixe atuar sobre si mesmos e sobre a sociedade como um todo, por meio de práticas, valores e normas sociais que constituem um sistema de conhecimento. (MIRANDA E FIÚZA, 2016, p. 03).

De posse de todos esses conhecimentos, é importante referendarmos que os movimentos sociais rurais no Brasil tiveram grande destaque na década de 1950 com as Ligas Camponesas, notadamente no Nordeste e subsequentemente caíram na clandestinidade nos anos 1960 e 1970.

Entretanto, nos anos 1980, voltaram a se manifestar, contando fortemente com a atuação da igreja católica e de partidos de esquerda, como o PT (Partido dos Trabalhadores). Isto se ratifica nas palavras de Grybowski, (1994), que diz que os problemas vividos pela maioria da população rural, em particular, os trabalhadores assalariados, os camponeses e as suas famílias, estavam vinculadas à exploração e à marginalização decorrente da modernização agrícola no campo.

A partir dos anos 1970, o campo, no Brasil, sofreu as consequências de todo esse desenvolvimento excludente, corroborado não somente na degradação dos recursos naturais ou na concentração fundiária, e no êxodo rural, como também nas transformações dos sistemas de produção e de relações sociais. Diante disso, os diversos atores sociais, como os trabalhadores rurais, boias-frias, mulheres, jovens e pequenos produtores rurais, começaram a se organizar, evidenciando resistência aos problemas decorrentes desta ação de modernização.

É justamente todo esse ideal que prevaleceu até fins da década de 1980, sendo que a instauração de novas práticas políticas e sociais foi se ajustando ao processo de aparelhamento do Estado por via partidária. Sendo assim, muitos movimentos sociais se institucionalizaram via partidos políticos, ou seja, ao se institucionalizarem, os movimentos sociais se racionalizam, procurando proteger seus direitos e se equipar com novas e criativas forças sociais. (Touraine, 2006 P. 25)

Portanto, os movimentos sociais possuem a habilidade de combinar uma pluralidade de formas de ação que perpassam por várias estratégias, como os protestos públicos, passeatas e ocupações, até ações formais de encaminhamento de demandas. No que se refere aos movimentos sociais em áreas rurais, estes têm intensificado a sua participação nas disputas que envolvem a luta pela terra e o controle social das políticas públicas relacionadas ao campo, buscando fortalecer a agricultura familiar. Contudo, nas últimas décadas os movimentos sociais rurais apresentam-se com outras concepções e

práticas, mais próximas do cotidiano, dos costumes e dos desejos daqueles que vivem da agricultura.

Dentre as lutas que ocorrem no interior dos movimentos sociais no campo podemos citar a elaboração e a política de reconhecimento de um novo projeto de sociedade. SCHERER-WARREN (2007, P. 10). As lutas são geradoras de tensões e conflitos no interior dos próprios movimentos e das suas articulações.

A cidade de Cametá apesar de apresentar elementos da cultura urbana, em serviços diversos serviços como a utilização de táxis, na presença de motocicletas, do comércio, de hotéis, e a presença de equipamentos coletivos e urbanos, possui bastante a presença de características rurais, onde visualizamos uma forte imbricação de ambas as culturas. O rural se manifesta desde a economia até a linguagem e modo de vida.

O município de Cametá, banhado pelo rio Tocantins é considerado o elemento fundamental para tal a presença dessas características marcantes, por ser o meio de transporte responsável pelo escoamento dos produtos, da grande circulação interna das embarcações de grande e médio porte, das pequenas canoas que trazem os extrativistas das diversas ilhas com paneiros de açaí, das vilas de onde se produz a mandioca, a farinha, o peixe, os trabalhadores rurais, homens e mulheres campesinos, das atividades primárias ditas como predominantes do rural, os mesmos que comercializam na cidade, o rio é o elo da cultura local. Nesse sentido, observamos na cidade de Cametá os entrelaçamentos rurais e urbanos.

No caso do município de Cametá, o assentamento não foi a concretização da luta da pela terra de movimentos sociais em si, pois a área foi doada, entretanto os moradores passaram a enfrentar os novos desafios de buscar as condições de permanência no local, buscando assim reconhecimento de um novo projeto de sociedade. Nessa busca os moradores contaram com a ajuda e presença nas reivindicações junto aos órgãos públicos da: Prelazia de Cametá (Igreja Católica), Associação Paraense de Apoio as Comunidades Carentes – APACC e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STRR – Cametá).

Esses órgãos incentivaram os moradores na busca de melhorias para o local, de políticas públicas de acesso e inclusão do local no plano diretor do município para que a área pudesse receber ligação de luz elétrica, coleta de lixo, segurança, atendimento na área da saúde, bem como fomentos para agricultura para que os projetos iniciais pudessem ser continuados. Como podemos perceber na figura 01 que mostra a mobilização dos moradores no assentamento na época em busca de melhores condições de trabalho e de sobrevivência no local.

**Figura 01:** Cametá - Cinturão Verde - Reunião de estratégias para permanência do assentamento



Fonte: Benedito Portilho, (2005).

Foram feitas diversas reuniões (figura 01) entre eles para traçarem ações a serem seguidas para se alcançar os objetivos propostos, tendo em vista que havia um processo de esquecimento através da ausência de investimentos em políticas e o descaso ou falta de conhecimento da gestão local em criar possibilidades para a garantia de uma melhor qualidade de vida das famílias que habitavam nessa área de transição do município de Cametá.

Em decorrência das lutas dos moradores juntamente com os órgãos já citados conseguiram com muita luta melhorias, e são perceptíveis nos dias atuais, na forma-conteúdo do espaço em estudo tais como posto de saúde, rede elétrica, coleta de lixo, segurança entres outros.

### **3 A GEOGRAFIA E A HISTÓRIA DO CINTURÃO VERDE EM CAMETÁ, PARÁ**

#### **3.1 Histórico e formação do Assentamento Cinturão Verde**

Neste capítulo, será apresentado o processo histórico de formação do assentamento Cinturão verde, com o intuito de demonstrar como ele foi pensado e constituído a partir de um espaço considerado rural. Mostraremos sua transformação com o passar dos anos até os dias atuais onde ele se transformou em um bairro da cidade de Cametá, no estado do Pará. O surgimento da referida área remonta ao ano de 2004, quando foi realizada uma parceria entre a prefeitura municipal de Cametá e o Instituto nacional de colonização e Reforma Agrária-INCRA, sendo que no primeiro momento o espaço não foi pensado como bairro e sim como um assentamento, onde ambas as partes seriam beneficiadas de alguma forma.

Sendo assim, a Prefeitura tinha como principal objetivo através de sua secretaria de agricultura, SEMADRE desenvolver um Projeto de produção de hortaliças, com objetivo de assentar sessenta famílias para desenvolverem a produção da agricultura, como forma de suprir em parte a produção interna do município e conseqüentemente gerar renda as famílias assentadas.

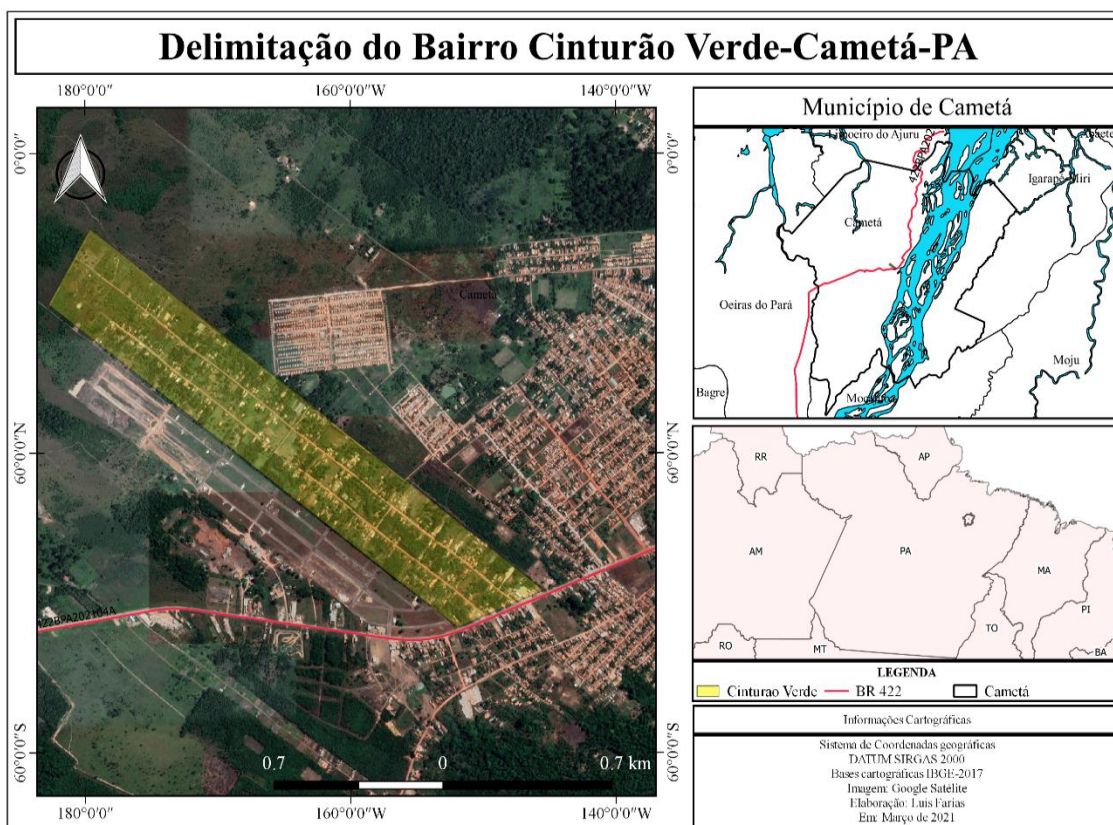
Já o INCRA teria a possibilidade de desenvolver um de seus projetos de assentamento e colonização agraria na Amazônia, como forma de mostrar sua atuação as entidades governamentais num viés de que reforma agrária seria possível num país como Brasil.

O terreno onde se iniciou o projeto segundo o (entrevistado A<sup>1</sup>, junho de 2020), pertencia a um padre que atuava na cidade chamado Padre Geraldinho que inclusive foi homenageado no bairro com a identificação da primeira rua criada, recebendo seu nome. O mesmo padre fez a doação do terreno a prefeitura para que se continuasse de fato a ocupação do local tendo em vista que já moravam algumas famílias na área de forma clandestina. Essas mesmas famílias foram cadastradas e incluídas no projeto.

---

<sup>1</sup> Secretário de Agricultura no ano de 2004.

**Figura 2: CAMETÁ - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**



Fonte: FARIAS, 2021.

Segundo o entrevistado B:

Quando chegamos aqui em 2004 existiam apenas pequenos caminhos abertos que davam acesso ao interior da área, era tudo muito fechado com mata virgem, arvores de grande porte como mangueiras, bacurizeiros aqui se encontravam, precisamos trabalhar muito para limpar a área para o plantio nos lotes que foram divididos entre as famílias cadastradas, de dimensões 100 m de largura por 100 m de comprimento em seguida foram feitas apenas duas ruas que hoje possuem extensão de aproximadamente uns 2 km cada. (ENTREVISTADO B, Cinturão Verde, Cametá, Pará, julho de 2021).

O INCRA por sua vez iniciou a construção de casas populares com dimensões com 8 metros de frente com 5 de fundo para os assentados que receberam no início apoio técnico do IBGE do INCRA e da prefeitura para que o projeto pudesse seguir adiante, entretanto o projeto pensado e colocado no papel não saiu como planejado e muitas dificuldades surgiram e foram decisivas no processo de transformação do assentamento para um bairro integrado a cidade.

**Figura 3:** Cametá – Bairro Cinturão Verde - Contrates: antes e depois do assentamento



Fonte: TAVARES, (2009).

O primeiro motivo complicador foi a presença insuficiente do poder público, que não conseguiu dar continuidade no projeto e não se mostrou presente no dia a dia dos trabalhadores lhes fornecendo ajuda técnica e subsídios necessários ao desenvolvimento de suas produções. Muito menos uma rede logística capaz de deslocar a produção de hortaliças para outras localidades o que fez com que o produtor vivenciasse um inchaço do mercado consumidor havendo uma ampla oferta, mas pouca procura, dentro do município.

Nossa produção era boa, mas não tinha onde vender e quando vendia era pouco, não tinha muita saída o produto, porque várias pessoas produziam a mesma coisa, você ia na feira da cidade tentar vender, mas o lucro era muito pouco, não compensava nosso trabalho e nem dava de manter a produção com adubos, produtos pra pragas. [...]. Tudo era comprado e se não fosse nós ninguém dava, ficamos sem condições financeiras para continuar e desanimado também, se fosse um produto que estivesse dando retorno agente continuava, mas nem isso tava dando. (ENTREVISTADO C, Cinturão Verde, Cametá, Pará. agosto de 2021).

Em menos de 2 anos, o projeto de produção de hortaliças viu seu enfraquecimento. Entretanto no ano de 2005 a Prelazia de Cametá, com o intuito de ajudar as famílias que ali viviam passou a desenvolver projetos de criação de pequenos animais, com a criação de frangos, beneficiando em torno de 12 a 15 famílias.

**Figura 4:** Cametá – Bairro Cinturão Verde - Criação de Frangos no assentamento Cinturão Verde



Fonte: Arquivo Prelazia de Cametá (2005).

Entretanto, apesar da força de vontade em ajudar, do monitoramento e do apoio financeiro, o órgão sem fins lucrativos (a prelazia de Cametá) não conseguiu mais uma vez apoio técnico, mesmo tendo solicitado o serviço à prefeitura não obteve respostas. Eles não conseguiram nem mesmo ajuda na comercialização desses animais, se recusando a construir alternativas que pudessem beneficiar as famílias e o município. Muitas famílias foram perdendo sua produção com a chegada de doenças, como a incidência de furtos nos granjeiros, e com a falta de mercado consumidor acabaram deixando a produção somente para a subsistência da família.

Muita gente saiu daqui, porque não teve dinheiro para se manter na terra, venderam seus lotes e invadiram essa área aí em frente, que agora já é um bairro, [...] as condições aqui eram muito ruins, a gente chegou aqui em 2005 ficamos mais de três anos sem energia, eu tinha porque eu moro aqui na frente, e eu fiz uma ligação daí do poste. (ENTREVISTADO D, Cinturão Verde, Cametá, Pará. agosto de 2021).

Apesar dos esforços do INCRA, da prelazia de Cametá e dos moradores os resultados foram mínimos, não houve progresso, muitos moradores do início do projeto venderam ou até mesmo abandonaram seus lotes de terras em decorrência da ausência de investimentos e projetos no local.

## **4. AS CONFIGURAÇÕES GEOGRÁFICAS DO CINTURÃO VERDE EM CAMETÁ: de rural a urbano?**

### **4.1 Transformações e reconfigurações no Assentamento Cinturão verde**

O Assentamento Cinturão Verde foi pensado inicialmente para ser uma área de produção de hortaliças dentro de uma perspectiva de um espaço rural, em suas atividades produtivas e socioculturais. Contudo, em seu planejamento não se levou em conta sua localização diante de um corredor de expansão urbana, o processo de crescimento da cidade de Cametá, o que se pode afirmar condenou a ação ao fracasso do projeto.

A cidade de Cametá em expansão proliferou e com suas periferias invadiu o campo. O espaço rural do assentamento Cinturão Verde foi cada vez mais envolvido pelo tecido urbano. Como podemos perceber na **(Figura 05)**.

A proximidade da cidade com o mesmo trouxe problemas sociais como a violência desenfreada enfrentada pelos moradores em relação a sua pequena produção muitos furtos ocorriam inclusive até mortes de morador. Com isso muitos moradores contemplados com áreas resolveram vender seus lotes e deslocaram para outros bairros periféricos da cidade.

A presente pesquisa se propôs a demonstrar o avanço da urbanização não apenas baseado em relatos dos moradores e na empiria da pesquisa de campo. Abaixo, demonstramos através de imagens de satélites em diferentes períodos da área analisada como ocorreu esse processo.

Fazendo uma comparação temporal, entre as imagens abaixo temos o primeiro registro **(Figura 5)** de 10 de julho de 2005. Assim, um ano após o início da implantação do projeto percebe-se que há poucas residências ainda sendo instaladas e a proximidade com o centro urbano já era percebido, o que não foi considerado pelos idealizadores do projeto levando em consideração que o objetivo inicial era voltado as atividades rurais.



ainda. Ainda ressaltamos o surgimento de outros bairros ao Sudeste (SE) a citar bairro são Raimundo e meio Norte que até os dias atuais não foram reconhecidos pelo plano Diretor Municipal que ainda está sendo discutido.

Seguindo a mesma linha de raciocínio em níveis de comparação temos a (**Figura 7**) de 24 de junho de 2017, onde enfatizamos o surgimento de um residencial (Jardim Imperial) ao lado da área de estudo (cinturão verde Cametá), onde áreas foram loteadas e vendidas a particulares com a proposta de ser um condomínio com uma infraestrutura não vista na área central da cidade, o que por si só já atraiu muitos compradores, que já estão se instalando na área. Através da imagem percebe-se que os conjuntos habitacionais (Cametá Park, Cametá e Park encantado) acima citados foram ampliados nos últimos anos, trazendo consigo muitos moradores ao local.

**Figura 7:** Bairro Cinturão Verde em 24 de junho do ano de 2017



Fonte: Google Earth/adaptada por FARIAS, 2021.

Abaixo, na **Figura 8**, um registro mais recente de 22 de janeiro de 2021, percebemos que o avanço continua com a ampliação do residencial percebido na imagem em verde, bem como o aumento de residências na área de estudo.

**Figura 8:** Cametá - Bairro Cinturão Verde em 22 de janeiro do ano de 2021



Fonte: Google Earth/adaptada por FARIAS, 2021.

As mudanças geográficas e históricas do espaço percebida através das imagens de satélites que ocorreram em menos de 02 anos não foi de fato reconhecido pelo poder público de imediato. Tendo em vista a indefinição do espaço que ora era visto como rural ora como urbano. O poder público municipal, na época alegou que tiveram dificuldades para intervir no local, pois se tratava de uma área rural e a implantação de serviços apresentava outra sistematização, que acontecia através de programas, dessa forma os moradores ficaram desprovidos de políticas públicas que assegurassem sua permanência no local.

Percebe-se então que o assentamento cinturão verde por erros de planejamento estratégico acabou sendo de certa forma se interconectando com o espaço considerado urbano da cidade de Cametá em decorrência do avanço da urbanização. O que se confirma nas palavras de Lefebvre (1969) onde enfatiza que:

“A urbanização tende a apagar a distinção cidade-campo, como resultado da maneira contraditória como se desenvolve os valores de troca. Neste sentido, a relação urbano-rural intensifica-se, uma vez que estruturas agrárias dissolvem-se contribuindo para o afluxo dos moradores de áreas rurais despossuídos de terra, que afluem para as cidades em busca de trabalho e subsistência (LEFEBVRE, 1969. P. 55)

Em entrevistas realizadas esse desinteresse do poder público municipal, pelo assentamento foi reafirmado e ficou claro que um dos enclaves foi por desavenças(rinchas) políticas existentes na cidade de Cametá.

O projeto do assentamento foi pensado e colocado em pratica no governo do Quaresma (José Rodrigues) prefeito do (PT- partido dos trabalhadores) que terminou seu mandato no ano de 2004, onde logo após assumiu José Waldoli Filgueira Valente candidato do democrata que era rival político do anterior, e deixou de lado o projeto nos anos seguintes deixando nós abandonado sem investimento em programas de crédito para potencializar a produção das famílias que aqui estavam e sem atenção no que se refere a política pública, não tínhamos luz, agua encanada, o pouco que tínhamos ainda podíamos ser roubados, a violência era grande. (ENTREVISTADO E, Cinturão Verde, Cametá, Pará. Maio de 2021).

Esse desinteresse por parte do governo municipal se confirma ainda mais quando voltamos nossa atenção a lei orgânica do município que assegura a realização de um plano voltado para os pequenos agricultores rurais, visando a instituição de um planejamento agrícola integrado, benefícios sociais, inclusive a eletrificação para as comunidades rurais, onde o assentamento não contava com tais serviços básicos, o artigo 118 título VI estabelece que cabe ao município:

- I – definir e implementar nas áreas rural e urbana, políticas e programas que apoiem a organização de atividades produtivas;
- II – propor infraestrutura para armazenagem, transportes e pontos de venda direta ao consumidor, de produtos do pequeno produtor rural e urbano, assegurando às cooperativas desses produtos, participação direta na gestão dos referidos empreendimento.

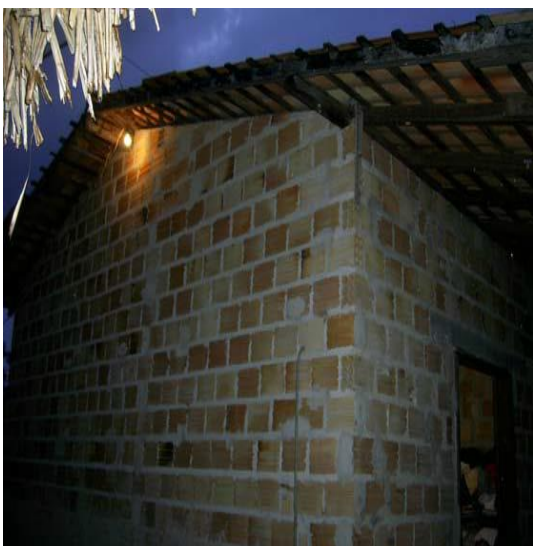
Portanto, é nítido que a gestão à época se equivocou quando relatou que não podia realizar melhorias na área e que elas só podiam ser feitas através de programas do governo, e como já demonstrado e embasada em lei é competência do município também destinar recursos e infraestrutura adequada a esses espaços.

Os assentados além de sofrer com a falta de investimentos nas atividades agrícolas e afins, sofreram também por anos o abandono do poder público no que tange a implantação de políticas pública. Mesmo com a linha de transmissão elétrica passando em frente ao local, no início não tinha luz, não tinha água, os assentados foram abandonados nem mesmo a construção das casas iniciadas pelo INCRA foi terminada.

Faltou por parte da prefeitura uma estratégia para a obtenção de serviços que pudessem garantir a qualidade de vida dos mesmos, essa realidade forçou os moradores a desenvolverem outras atividades econômicas, para o sustento da família descaracterizando o objetivo inicial do projeto que visava a produção agrícola. Segundo (TAVARES 2009);

“Essa falta de investimento e planejamento, hipoteticamente, se estabelece tanto **por limitações administrativas como por recursos insuficientes**, obrigando as famílias que residem em áreas rurais a migrarem para a periferia da cidade. O rural, partindo dessa concepção, é visto apenas como uma “extensão do urbano”. (TAVARES 2009, p. 83, Grifo nosso).

**Figura 09:** Casa do projeto com luz Elétrica clandestina.



Fonte: Luciana Tavares / setembro de 2008.

**Figura 10:** Poço a céu aberto



Fonte: Luciana Tavares / setembro de 2008.

O abastecimento de água, era inexistente a fonte deste recurso era através de poços amazônicos (**Figura 10**), que ficavam abertos sem cobertura propiciando assim até uma possível contaminação da água, os moradores dos lotes mais próximos da rodovia eram os que tinham a energia elétrica de forma clandestina, (**Figura 09**) através de ligação feita por eles mesmos.

**Figura 11:** Rede elétrica atual no cinturão verde



Fonte: Farias (2021) / novembro de 2021

**Figura 12:** Poço artesiano/fechado



Fonte: Farias (2021) / novembro de 2021

Nos dias atuais com as transformações ocasionadas pela urbanização dos espaços, o lócus da pesquisa vem se reconfigurando através da implantação de inúmeras políticas públicas que influenciam diretamente na qualidade de vida dos moradores. Hoje todas as residências já possuem uma rede elétrica (**Figura 11**), que com o passar dos anos, e muita luta da associação de moradores do local junto ao poder público municipal e as entidades governamentais, conseguiram ter acesso à energia elétrica.

Tendo em vista que em 2003 foi lançado pelo então governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva o programa luz para todos que visava levar eletrificação a áreas remotas e rurais e com tarifas subsidiadas pelo Governo Federal onde é feita a manutenção tanto pela (Equatorial Energia S.A) quanto pela equipe do departamento de iluminação pública do município de Cametá (DIPCA). Hoje também como podemos perceber na (**Figura 12**) o abastecimento residencial de água ainda é através dos poços artesianos, porém agora são fechados com a utilização de bomba de água que só foi possível através da chegada da energia elétrica.

**Figura 13:** Posto de saúde do bairro

**Figura 14:** Carro coletor de lixo no bairro.



Fonte: Farias (2021) / novembro de 2021



Fonte: Farias (2021) / novembro de 2021

Com esse processo de mudança, os moradores do bairro (hoje) já contam com uma UBS -unidade básica de saúde- (**Figura 13**) que auxilia os mesmos oferecendo assim diversos serviços à população como consultas médicas, exames, vacinação, visita domiciliares através dos ACS, possibilitando assim acesso gratuito e eficaz aos serviços essenciais de saúde, evitando o deslocamento dos moradores para outros lugares em buscar dos serviços que o próprio local está oferecendo. hoje a população conta com serviço de limpeza urbana e coleta de lixo (**Figura 14**) que é feita três vezes na semana evitando o acúmulo de resíduos nas residências, assim o assentamento foi se reconfigurando e se transformando em bairro do município.

A lógica do capitalismo, o desconhecimento de muitos órgãos e até mesmo dos cidadãos acabam levando a diante a ideia de que o rural seria um espaço atrasado, destinado a produzir alimento para a cidade. A coexistência desses espaços e algo que não deve ser estranho a sociedade, principalmente com a chegada do meio técnico-científico e informacional, que acabou por trazer uma união entre a técnica e ciência, guiadas pelo funcionamento do mercado, que graças aos avanços tecnológicos, expande-se e consolida o processo de Globalização. A cidade está presente no campo assim como o campo está presente na cidade, mas hoje não exercendo uma relação de subordinação e sim de cooperação.

As famílias nessa área da cidade de Cameté, sofreram com a falta de políticas públicas, serviços necessários para a elevação da qualidade de vida e de trabalho, buscavam alternativas de desenvolvimento para o campo, sem estarem atreladas às demandas da cidade, rompendo dessa forma, com a relação de subordinação da população

rural. Sobre isso, MARQUES (2002, p.16) ressalta sobre a necessidade do campo não ser concebido apenas como um,

Espaço complementar à cidade, mas de construir um projeto de desenvolvimento rural que vise a inclusão social a partir da melhoria das condições de vida e da realização de novas atividades no campo que deve se basear no processo de descentralização política e de valorização de saberes locais (MARQUES, 2002, p.16).

Admitindo ainda que há uma maior integração entre cidade e campo através de diferenças de intensidades e não de contraste. Não existiria uma distinção nítida, porém também seria necessário apoiar-se na ideia da existência e pontos extremos de uma escala de gradação. (MARQUES, 2002). Mudam-se os tempos, mudam-se as relações, entretanto pode-se dizer que o rural e urbano se aproximam e mesmo assim suas peculiaridades não desaparecem.

#### **4.2 CINTURÃO VERDE: continuidades e permanências de um assentamento ou um bairro de Cameté?**

Para Mendes e Bispo (2012, P.01) “As discussões em torno das interpretações e definições do rural/urbano e campo/cidade vieram à tona no meio acadêmico, no início do século XX, todavia, é a partir da década de 1970 que elas se tornaram mais intensas. No meio rural, as práticas espaciais em hábitos da população são construídas tendo como referência a intensa relação que se estabelece entre terra e trabalho. As tarefas cotidianas surgem dessa relação: preparo, adubação, plantio, poda, irrigação, colheita entre outras atividades. É do trabalho realizado sobre a terra que os rendimentos são extraídos, seja em forma de produtos para o autoconsumo, seja em forma de produtos para comercialização”.

Já no urbano, a relação com a terra assume outra dimensão. Nele a terra apresenta-se como mero chão sobre o qual estão edificadas as formas que guardam as funções próprias do urbano. Dela nada se retira nada se cultiva com o fim de obter a sobrevivência ou rendimentos. A terra, portanto, nos espaços urbanos, assume outra dimensão: as relações se realizam por meio daquilo que sobre ela está construído.

Se faz necessário então considerar que o espaço urbano e o rural só podem ser concebidos pelas suas relações. O rural e o urbano e o campo e cidade não estão isolados uns dos outros, haja vista que a circulação de comércios, indústrias, redes de telecomunicação dentre outros, comportam relações dialéticas que se complementam,

interpenetram-se e se ligam. Assim, pode-se afirmar que são as relações que informam sobre as proximidades e os distanciamentos entre os espaços rurais e urbanos.

A luta pela terra está para além de um conflito social com os latifundiários. Ela representa a luta pela permanência na mesma, pois não tem servido muito o fato da conquista da terra e não possuir condições mínimas oferecidas pelo Estado para desenvolver, criar, produzir dar uma função social a mesma. Notamos que isso é presente em qualquer porção do espaço, rural ou urbano.

Como já explanado anteriormente, a população não recebeu os subsídios financeiros e nem técnicos por parte do governo, e mesmo com alguns conflitos e dificuldades os assentados levaram o espaço a lutar pela construção de resistências e estratégias de luta, através, do apoio das organizações sem fins lucrativos como a prelazia de Cameté e movimentos sociais ligados ao Sindicato dos Trabalhadores e trabalhadoras Rurais (STTR) do município.

Isto tudo por que muitos defendem que a relação entre o rural e urbano é útil e necessária, na medida em que o campo precisa da cidade para o seu desenvolvimento, para entrar em contato com os artefatos da modernidade e, a cidade precisa da matéria-prima, dos produtos alimentares, do ambiente de sossego, do contato com a fauna e a flora, que o campo oferece.

No estudo de caso, percebe-se ainda que essa distinção entre rural e urbano não foi apagada totalmente vemos isso na continuidade na produção de hortaliças, plantação de bananas, maracujá, criação de peixes que mesmo sem apoio técnico do poder público alguns agricultores deram continuidade e usaram suas áreas para produzir e proverem uma forma de sustento a suas famílias.

**Figura 15:** Imagens aéreas do desenvolvimento da Piscicultura no bairro Cinturão verde



Fonte: Drone show/ Rafael Benassuly, 2021.

Conforme a **(Figura 15)**, podemos perceber a existência de vários tanques escavados onde são criadas diversas espécies de peixes tais como: tambaqui, tilápias, pirabanha que em média levam em torno de oito meses nos tanques, com capacidade de um metro quadrado por espécie (tambaqui) para serem retirados e colocados à venda gerando assim um retorno financeiro as famílias que se dedicam a piscicultura. Geralmente a saída do pescado em maior quantidade se dar na época da Semana Santa período onde pela tradição se dar preferência ao peixe como alimento.

Muitas famílias continuaram com a produção de hortaliças **(Figura 16)** que foi a primeira atividade desenvolvida na área e permanece até os dias atuais sendo a principal fonte de renda de inúmeras famílias no bairro.

**Figura 16:** Imagens aéreas do desenvolvimento da produção de hortaliças/  
Bairro Cinturão verde



Fonte: Drone show/ Rafael Benassuly, 2021.

Nessas áreas são produzidos alface, couve, cheiro verde, pimenta de cheiro, cebolinha, entre outros [...] algumas hortas são mais estruturadas, há a presença do sistema de hidroponia que consiste num sistema de cultivo dentro de estufas sem uso de solo. Onde os nutrientes que a planta precisa são fornecidos somente por água enriquecida com uma mistura nutritiva contendo elementos como o nitrogênio, potássio, fósforo, magnésio dissolvidos na forma de sais.

Outras possuem um cultivo mais simples e tradicional, ligados ao solo mesmo, onde promovem a adubação com recursos oriundos da própria natureza e sem irrigação adequada, entretanto todos produzem de forma sustentável produtos orgânicos de excelentes qualidades mesmo sem o fomento necessário que necessitam.

**Figura 17:** Imagens aéreas do desenvolvimento da produção da Maracujá/ no cinturão verde



Fonte: Drone show/ Rafael Benassuly, 2021.

**Figura 18:** Imagens aéreas do desenvolvimento da produção da Banana no cinturão verde



Fonte: Drone show/ Rafael Benassuly, 2021.

Há também a produção de macaxeira, abobora, coco, cacau [...] em suma o solo se mostra muito bom à introdução de diversas culturas presentes no dia a dia da população

cametaense. Como por exemplo o cultivo do Maracujá (**Figura 17**), principal fonte de renda da família entrevistada de onde tiram seu sustento e da Banana (**Figura 18**), frutas requisitadas nos supermercados e feira livre que tem bastante saída nos hortifrutis da cidade.

Além destas atividades desenvolvidas ainda citamos a criação de aves (**Figura 19**) que abastece abatedores na cidade e em regiões próximas, onde essa criação é muito rentável para o proprietário que não fica dependente da produção trazida de fora por outros fornecedores em caminhões lotados que se tornam desconfortáveis para as aves, isso reflete na saída do produto que chega direto ao consumidor sem avarias evitando perdas ao fornecedor e aos comerciantes. E ainda realiza a venda dos ovos produzidos no local para a população.

**Figura 19:** Imagens aéreas do Granjeiro no cinturão verde



Fonte: Drone show/ Rafael Benassuly, 2021.

Considerando as reivindicações das pessoas entrevistadas foi possível, identificar que as que vivem em áreas com características rurais vem no campo um lugar de tranquilidade, de acesso à terra, aos meios necessários para produzirem seu próprio alimento, em contato com a natureza que inspira sensações de uma vida saudável, oportunidade de viver sem agrotóxicos, também a sensação de pertencimento e de fonte da vida para o campo;

Aqui temos espaços para fazer nossas casas grandes, espaçosa, na área central não se encontram mais terrenos como os daqui, lá não tem mais espaço a não ser construir pra cima, lá também há muito barulho de carro, de festas não conseguíamos encontrar tranquilidade até mesmo para dormir, aqui podemos fazer nossas pequenas hortas, criar nossos animais, aqui até o ar é mais puro por causa das árvores de grande porte

que ainda se encontram na área (ENTREVISTA F, Cinturão Verde, Cametá, Pará. Maio de 2021).

Assim como veem na cidade um lugar de oportunidades, de acesso aos bens e serviços que necessitam;

Mesmo morando aqui (no bairro cinturão verde) não produzimos tudo o que precisamos, temos que nos deslocar para a área central por diversos motivos entre eles trabalho, aqui a maioria dos moradores saem cedo para irem trabalhar, hoje o cinturão verde não é mais um assentamento nos moradores vemos como bairro apesar de haverem praticas rurais na área, nossos filhos precisam se deslocar para irem a escola, área de lazer também não encontramos aqui por isso vamos as praças da cidade, precisamos dos supermercados, de vestimentas de alimento [...](ENTREVISTA G, Cinturão Verde, Cametá, Pará. Maio de 2021).

Portanto essas relações são definidas pela vivência de ruralidade em estreita e intensa interação com a urbanidade presente no município de Cametá. A partir dos anseios inspirados pela vida urbana e pela vida rural, em pessoas que trabalham com o rural, é possível perceber a insatisfação e a satisfação que marcam essas pessoas como seres humanos. Desse modo, é preciso então reconhecer que tanto o campo como a cidade, ou tanto o rural como urbano, carregam em si condição de possibilidades como espaços em que a espécie humana promove seu desenvolvimento e que nos modos de vida rural e urbano há ensinamentos do que é favorável e do que é desfavorável ao ser humano.

O campo e a cidade estão cada vez mais próximos, com a telefonia móvel, a televisão, a rádio e a mobilidade dos transportes; os que residem em um meio rural vão sendo infestados de artefatos da modernidade que a capacidade de compra os transforma em atores sociais ativos e participativos destas invenções.

Nos dias atuais através de tudo que já foi exposto pode-se considerar o que antes era um assentamento hoje se metamorfoseou em um bairro, visto que apresenta um sistema de objetos vinculados a expansão urbana em Cametá que vem acompanhada de políticas públicas, como posto de saúde, presença do poder público no oferecimento de serviços básicos a comunidade local, como limpeza das ruas, coleta de lixo três vezes na semana, iluminação pública, rondas policias, relatamos também segundo dados coletados que no início do projeto eram apenas 60 casas, hoje segundo pesquisa de campo foi constatado que há na área 300 residências portanto evidencia-se uma expansão urbana acelerada nos últimos anos.

Esses acontecimentos passam a caracterizar o presente espaço como sendo *uma unidade de urbanização em ascensão*, podendo se tornar anos mais tarde em uma unidade de fato consolidada, porem enquanto isso não acontece como já colocado anteriormente

apesar desse desenvolvimento há a permanências de características de um passado rural ligado ao assentamento, evidenciado nos sistemas de produções locais, na agricultura familiar de subsistência baseados nas potencialidades da área, esta percebida através dos diferenciados usos do solo na referida área.

Diante dos inúmeros desafios no que tange a delimitação do rural e do urbano na contemporaneidade e baseado nos estudos realizados, defendemos, portanto, que no momento atual o município de Cametá, pode ser estudado sob a ótica da teoria do continuam- rural-urbano o qual;

Postula que não há uma divisão aguda entre a vida urbana e rural, mas que os assentamentos existem ao longo de um contínuo de muito rural para altamente urbano. O urbano não para simplesmente e começa o rural, mas eles vazam através um do outro. Além disso, é possível encontrar espaços em uma cidade que parecem rurais, e lugares em áreas rurais que são bastante urbanos. Como tal é problemático falar de lugares como simplesmente rurais ou urbanos, em vez disso é preciso considerar como eles se entrelaçam e se sobrepõem (CASTREE; KITCHIN; ROGERS, 2013, p. 444)

Ao olhar para o contexto atual da cidade de Cametá podemos em dizer que a coexistência entre o rural e urbano é muito presente. Isto porque a cidade carrega consigo as duas características (rural e urbano). Assim sendo compreende-se que o espaço rural ainda é considerado secundário em relação ao urbano, tendo em vista que o desenvolvimento não leva em consideração a qualidade de vida da população local que passa a ser submetida a uma constante instabilidade entre o espaço rural e o urbano a procura de melhores condições de vida e trabalho, isso resgata o que MARQUES (2002), diz sobre a influência da cultura rural na cidade, permitindo a presença de práticas e tradições rurais em espaços como nas periferias das cidades fortalecendo ainda mais essa relação. Essa foi a realidade por muitos anos dos assentados do Cinturão Verde, uma luta pela sobrevivência.

Discordamos, contudo, da interpretação até mesmo extremista e proposital de que o rural seria totalmente absorvido pelo urbano. Nosso entendimento é de que haja uma aproximação entre rural e urbano, mantendo, porém, suas particularidades.

Deve sempre levar em consideração que essas definições nas cidades amazônicas precisam ser diferenciadas pela complexidade que a região nos impõe visto que há sim um processo gradual, porém, lento de urbanização nos territórios da região norte do país, com pequenos espaços altamente urbanizados. Assim, alerta-se para os devidos cuidados que se devem tomar quando do planejamento e tomada de decisão na aplicação de

políticas públicas, especialmente com a distribuição de recursos para áreas urbanas e rurais, uma vez que o meio rural ainda é marcante na região amazônica.

Sabemos que as questões apresentadas são complexas e que se faz necessário avançar na reflexão, e, principalmente, na aplicação dos conceitos sobre o desenvolvimento rural e urbano para que mudanças gradativas da compreensão tradicional sejam incorporadas e consigamos, no longo prazo, assumir uma nova cultura sobre a participação dos agentes nas decisões que envolvam o território e suas territorialidades.

O atual bairro Cinturão Verde-Cametá/PA está localizado em uma área de expansão urbana, portanto hoje o espaço se concebe como urbano devido as políticas públicas e sistema de objetos presentes no espaço, no entanto ainda coexistem atividades ligadas a um passado rural por realizar práticas neste aspecto, desenvolvendo a produção agrícola, a criação de pequenos animais e o modo de vida mais tranquilo. O espaço tem passado recentemente por um conjunto de mudanças com significativo impacto sobre suas funções e conteúdo social, neste sentido a presente pesquisa buscou entender, como se expressam a relação forma-conteúdo do rural-urbano na referida área, salientamos também que o importante não é diferenciar os dois espaços, mas compreender seus sentidos e papéis, assim como, analisar as relações políticas, as econômicas e os valores culturais que, em cada espaço-tempo, orientam as articulações entre cidade e campo.

Durante os 19 anos de existência da área de estudo, e embasados nos dados coletados durante a pesquisa, perceber-se que o conteúdo (as relações) ligado ao rural são diferentes do espaço da cidade e podemos perceber através das diferenças de alguns indicadores tais como a) apropriação do tempo; b), a relação com a terra; e c) as paisagens.

A apropriação do tempo nos dois espaços é diferente ele é rápido no urbano e lento no rural, os moradores do cinturão verde ainda vivem esse tempo lento, as relações cotidianas são construídas sobre a uma lógica territorial que se consolida por meio da intensa relação com a natureza, assim até o termo “lento” pode ser questionado ou ser explicado como uma condição específica de uma dada população se relacionar com o espaço. É uma condição técnica também, que se refere a forma de construção de um dado espaço/território/lugar.

Reforçando isso, entendemos que o tempo também é movimento, mas um movimento menos perceptível aparentemente. No rural as pessoas seguem uma outra lógica. São temporalidades diferenciadas: do plantio, da colheita, da poda. Horários que seguem outras rotinas e normas, portanto, que expressam um outro modo de vida, o do acordar e cuidar de suas terras, os moradores que vivem do plantio na área costumam

dizer que eles fazem o seu próprio tempo, não seguem determinada rotina como é na cidade, a tranquilidade ligada a natureza, isso não significa dizer que, nos espaços rurais, não há determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista. Ao contrário, o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção tem permitido aumentar a capacidade de interferência na natureza, a tecnologia contribui, mas não promove o domínio completo da natureza.

Muitos moradores deslocam-se diariamente para o centro da cidade para trabalhar, buscar alimentos [...], entretanto muitos permanecem o dia todo na área sem contato direto com a área central então para eles a mudança é aparentemente pouco perceptível, e o tempo segue a cadência natural, sem sentirem-se isolados pois a rapidez das transformações é sentida com ênfase bem maior na área urbana.

Outra característica ligada ao conteúdo do espaço e a relação com a terra onde a dinâmica urbana pouco depende de relações com a terra, tanto do ponto de vista econômico quanto social e espacial, o rural está diretamente associado a terra. Enquanto a dinâmica urbana pouco depende de relações com a terra, tanto do ponto de vista econômico quanto social e espacial, o rural está diretamente associado a terra.

Nos espaços rurais, as relações cotidianas são construídas tendo como base uma intensa ligação com a terra. O sustento da família é assegurado pelo trabalho sobre ela produzido, seja por intermédio dos produtos cultivados para venda ou consumo, seja por intermédio da criação de animais. (BAGLI, 2006b, p. 87).

Para os moradores do cinturão verde Cametá como já demonstrado na pesquisa a terra não é mero chão, mas a garantia de sobrevivência, pois muitos dependem dela para sustentar suas famílias. Nas áreas mais próximas do centro da cidade de Cametá os espaços são preenchidos pelas construções, os espaços são pequenos que acabam sendo usados pelas famílias para construir seus lares, diferente da área de estudo aqui citada onde o espaço ainda conta com uma arborização mais densa as residências são afastadas umas das outras e residentes possuem espaços para desenvolverem suas atividades cotidianas no urbano a terra apresenta-se como “mero chão” dela nada se retira nada se cultiva com o fim de obter a sobrevivência ou rendimentos.

Outra forma de percebermos a mudança que ocorreu no espaço rural (cinturão verde Cametá) é através da análise da paisagem onde no espaço com características rurais caracteriza-se pela existência de vegetação mais densa, árvores de mata densa como a castanha, o bacuri, cultivo de produtos alimentícios-in natura, criação de animais. Está

ligada a tudo o que representa a natureza em seu estado pouco transformado. Nela, as transformações não se apresentam de forma tão intensa quanto da paisagem urbana.

Os diferentes tipos de uso e ocupação do solo provocam mudanças que se materializam de maneiras distintas na paisagem. Uma dessas maneiras, diz respeito às diferenças atmosféricas. Apesar de ser incorporado a área urbana o cinturão verde ainda apresenta uma paisagem rural, onde há pouca transformação ocorrida, ligada ao uso e ocupação do solo, fatores esses atrelados a maior presença de vegetação de fato contribuem para amenizar os possíveis impactos que promovem mudanças atmosféricas mais acentuadas relacionada aqui a diferença de temperatura nos dois ambientes (rural-urbano) que é percebida pelos moradores que ao cair da tarde já percebem uma mudança significativa no ambiente.

O espaço rural em Cameté permite uma série de oportunidades de geração de renda (produção primária, processamento dos produtos, serviços e comércio) capazes de promover uma maior integração das populações e a um custo de investimento. Transformar essa possibilidade de melhorias nas condições de vida das pessoas desse espaço territorial em realidade passa pelo processo de valorização do meio rural através de políticas públicas que favoreçam a um maior entrelaçamento do rural com o urbano

A partir das considerações estabelecidas, pode-se constatar que mesmo sendo incorporado a área urbana o espaço em estudo ainda apresenta características rurais, que ainda irão prevalecer por um certo período. Portanto há uma mescla e um entrelaçamento do urbano e do rural seja do ponto de vista territorial seja das relações estabelecidas pelos sujeitos envolvidos.

Com isso é essencial que se entenda o rural para além do campo e o urbano para além da cidade. Campo e cidade são partes integrantes do todo e a importância do estudo do rural e do urbano se manifesta, justamente, nas relações entre as duas partes. Mesmo que, às vezes, o campo não seja tão rural e a cidade nem tão urbana quanto se pensa, eles não se opõem, sequer excluem-se mutuamente, ao contrário complementam-se pelas suas diferenças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As particularidades da região Amazônica trazem à tona um debate acalorado sobre o que é o rural e o urbano, devido uma grande complexidade que envolve esses entes. Esta pesquisa desenvolvida mostrou a realidade de famílias que vivem em um bairro do município de Cametá – PA que mesmo sendo incorporado a área urbana ainda apresenta características rurais, com isso provocou-se uma certa indagação sobre quais os critérios estabelecidos pelo poder público municipal na análise desses espaços amazônicos, para a implementação de políticas públicas, por exemplo.

Além disso, percebe-se que isso influencia diretamente na identidade dessa população enquanto homens e mulheres ligados as atividades rurais, levando em consideração que a maioria das cidades amazônicas tem suas origens ligadas aos espaços rurais. Em cidades ribeirinhas como Cametá, o rural é atrelado ao urbano, a convivência, as atividades econômicas, os vínculos de vizinhança, e a própria paisagem.

A cidade de Cametá enfrenta diversas dificuldades no que se refere aos critérios utilizados pelo poder público para a definição desses espaço, pois não possui uma comissão específica para tal demanda, o plano diretor da cidade que faz menção a uma certa delimitação dessas áreas, não foi atualizado desde 2007, além de não haver uma classificação abrangendo critérios mais elaborados o espaço passa ser visto apenas como um local de carências de um sistema de objetos e de ações, e ainda acrescenta a arbitrariedade do poder municipal nessa definição.

É necessário considerar que o desenvolvimento tecnológico ao propiciar a menor dependência do homem em relação às condições naturais, acentuou as diferenças entre campo e cidade, já que o primeiro, em virtude da sua maior proximidade com a natureza e menor incorporação tecnológica, passou a ser visto como arcaico e atrasado; enquanto que o segundo, pela maior presença do ambiente construído, artificializado e da utilização mais intensa da tecnologia, passou a ser apreendido como o lugar do moderno e do progresso.

Por outro lado, as interações existentes entre o espaço rural e a influência da cultura urbana se intensificaram, afetando o modo de vida tradicional da população rural, que passou a buscar novas tecnologias e o conforto produzido pelos itens da indústria disponibilizados na cidade. Mais ainda, o meio rural absorveu as inovações tecnológicas e científicas da produção oferecidas e repassadas pelos centros urbanos, via rede de

serviços e infraestrutura. O campo, agora modernizado, necessita continuar desenvolvendo suas atividades modernas e se torna dependente das atividades urbanas.

Assim, como parte da população rural que migrou para as cidades também procura manter o seu modo de vida, por meio do cultivo de hortas e da criação de pequenos animais nos quintais.

A pesquisa desenvolvida não buscou acirrar a dicotomia entre os espaços no contexto de um limite físico, o qual nem se pode considerar, em virtude do crescimento das cidades e da imbricação entre os espaços, mas demonstrar que apesar da modificação desse processo de configuração espacial não se pode concordar que as desigualdades entre esses espaços, visto que o descaso e a ausência de políticas e serviços ainda são bastante intensos no espaço rural e em áreas consideradas menos importantes.

As diferenças entre o rural e o urbano existem e são justamente essas peculiaridades de um e de outro que instigam as pesquisas nessa área a partir de uma perspectiva multidisciplinar, a qual deve estar aberta para revisar conceitos e ampliar seu ângulo de visão. Compreendendo que interpretações isoladas são superficiais, uma vez que não conseguem captar questões mais profundas relacionadas ao campo e à cidade.

Para suprimir a ideia do “fim” do meio rural, reforçamos a importância do avanço dos movimentos sociais no campo, tornando-o necessário para a elaboração de uma estratégia de desenvolvimento eficaz.

A falta de políticas públicas no atual bairro Cinturão verde contribui para que a violência se multiplique, reforçando o cada vez mais abandono do projeto de criação de aves, de hortaliças, pois não há um acompanhamento técnico com essas famílias e nem uma forma de escoar essa produção do bairro, a não ser vender a feira livre e na feira do agricultor, falta a presença dos órgãos idealizadores do projeto para que se repense a forma como esses produtores irão melhorar sua produção bem como o seu modo de vida.

Sendo assim o bairro apresenta problemas e condicionantes decorrentes de sua especificidade em relação a política de assentamentos nas áreas rurais e da expansão/ocupação espontânea urbana. Precisamos de mais pesquisas e trabalhos como estes, eles são necessários e importantes para fornecer dados e informações ao poder público municipal, bem como a sociedade em geral, a fim de que políticas públicas igualitárias sejam destinadas ao local.

Cabe ressaltar ainda que as discussões sobre o conceito de rural e urbano estão longe de se esgotarem, pois existe como já citado uma infinidade de delimitações que

fazem uso de critérios diversos e que dependem muito de região para região do vasto território brasileiro.

Cametá possui em sua dinâmica socioeconômica e cultural uma relação urbano-rural intrínseca devendo construir estratégias que garantam a partir disso, um maior desenvolvimento para o município como um todo, dessa forma, possibilitando a qualidade de vida tanto das famílias residentes no urbano, quanto as que vivem no meio rural.

Dessa forma, é necessário e promissor discutir alternativas para o campo que possibilitem a construção de uma vida digna e, pensá-lo não somente a partir da sua funcionalidade econômica, mas como um espaço que pode possibilitar uma transformação na sociedade, a partir da resistência ao modo de vida urbano, o qual transformou o homem e a terra em mercadorias.

As políticas voltadas para o setor rural não devem apenas visar ao aumento da produção agrícola e aos grandes produtores. Faz-se necessário também pensar no pequeno produtor e na permanência dessa população no campo, em seu acesso à terra, na oferta de equipamentos sociais básicos e na minimização das mazelas sociais. Também se pode melhorar a aplicação dos indicadores sociais para o meio rural, contribuindo-se, positivamente, na visualização das necessidades do campo, e então se adotarem medidas políticas mais assertivas às demandas existentes.

A realidade é que os espaços rurais, apesar de menos desenvolvidos, são grandes potenciais. E as alternativas estão aí: agricultura familiar, sistemas locais de produção, consórcios intermunicipais, integração poder local e sociedade civil. Basta acreditar, internalizar e agir transformando potencialidades em realidades.

Por fim, ressaltasse a importância da realização/atualização do plano diretor do município, o qual, quando elaborado e revisto, é diretriz básica para o desenvolvimento de uma cidade, principalmente a cidade de Cametá que apresenta em sua configuração um misto de espaços rural e urbano que necessitam de normas regulamentadoras/medidas necessárias voltadas ao desenvolvimento territorial não só da área considerada como rural mais principalmente dos espaços rurais que apresentam grande potencialidades de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. O futuro das regiões rurais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 149 p.
- ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Hucitec/Edunicamp/ANPOCS, 1992.
- ALENTEJANO, Paulo Roberto. O que há de novo no rural brasileiro? Terra Livre, n. 15, São Paulo, 2000.
- BAGLI, P. Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações. 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.
- BERNARDELLI, M. L. F. da H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B. ; WHITACKHER, A. M. (Org.). Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão popular, 2006. P. 33-52.
- BRASIL. Lei nº 10.116, de 23 de março de 1994. Institui a lei do desenvolvimento urbano, que dispõe sobre os critérios e requisitos mínimos para a definição e delimitação de áreas urbanas e de expansão urbana.
- CARLOS, A. F. A. A questão da cidade e do campo: teorias e política. Mercator: Revista de Geografia da UFC, n. 5, p. 7-13, 2004
- CASTREE, N.; KITCHIN, R.; ROGERS, A. *A dictionary of human geography*. 1st ed. Oxford: Oxford University Press, c2013. 581 p.
- ENDLICH, Â. M. Perspectivas sobre o Urbano e o Rural. In.: SPOSITO, M. E. B. e WHITACKER, A. M. (org) Cidade e Campo – Relações e Contradições e entre o urbano e rural. 3. ed. Outras Expressões, São Paulo, 2013, p. 11-31.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- LEFEBVRE, Henri. A cidade do capital. Trad. Maria Helena e Marilena Jamur. 2º ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2001. \_\_\_\_\_. O direito à cidade. 1ª ed. Ed: Morais Ltda.
- Lei orgânica do Município de Cametá.** Revisada e Atualizada em dezembro de 2006.
- MARQUES, Marta I. Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. São Paulo: terra Livre. Ano 18.n. 19, 2002.

Plano Popular de Desenvolvimento sustentável a jusante da UHT – PIRJUS. **Relatório de pesquisa do projeto de extensão do PDJUS** (UFPA, Eletronorte e prefeituras do Baixo-Tocantins), 2006.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Espaço urbano e rural"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/espaco-urbano-rural.htm>. Acesso em 18 de julho de 2022.

POMPEU, José D. Pinto. **Evolução territorial e urbana do município de Cametá**. Coleção Novo Tempo Cabano, vol. I Cametá – Pará, 2002.

Roni Mayer Lomba e Benedito Baliero Nobre-Júnior, «A relação rural-urbano a partir das cidades ribeirinhas: o papel do comércio popular (feiras) na cidade de Afuá (PA)», Confins [Online], 18 | 2013, posto online no dia 18 julho 2013, consultado o 02 setembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/confins/8405>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.8405>

Scherer-Warren, Ilse A política dos movimentos sociais para o mundo rural Estudos Sociedade e Agricultura, vol. 15, núm. 1, abril-septiembre, 2007, pp. 5-22 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan. /abr. 2006.

SILVA, Maria J. Veiga da. **Dilemas do Planejamento e da Gestão municipal na Amazônia Ribeirinha**: uma análise do caso de Cametá à luz do ideário da Reforma Urbana e o Estatuto da Cidade. Dissertação de Mestrado. Belém: PPGE0, 2008.

SOUSA, Raimundo Valdomiro de. **Campesinato na Amazônia**: da subordinação à luta pelo poder. Belém: NAEA, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana. 3ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

SPOSITO, M. E. B. S. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In.: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (org.) Cidade e Campo – Relações e Contradições e entre o urbano e rural. 3. ed., São Paulo: Outras Expressões, 2013, p. 111-130.

TAVARES, L. de Oliveira. **A definição do rural e do urbano e suas influências na implantação de políticas públicas: um estudo de caso em duas localidades na cidade de Cametá – Pa**. Belém: UFPA. 2009.

TOURAINÉ, Alain. 2006. Le monde des femmes. Paris: Fayard.

Trad: Rubens E. Frias, São Paulo, SP, 1991. MARQUES, Marta I. Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. São Paulo: terra Livre. Ano 18.n. 19, 2002.

**APÊNDICES 01.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO  
TOCANTINS/CAMETÁ FACULDADE DE GEOGRAFIA CURSO DE  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA.

**TCC: A RELAÇÃO DO RURAL-URBANO NO BAIRRO CINTURÃO VERDE  
EM CAMETÁ, PARÁ**

**DISCENTE:** Luís Welbson Farias Serrão Turma: Geografia 2016

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Mario Júnior de Carvalho Arnaud

**QUESTIONÁRIO APLICADO A 09 MORADORES DO BAIRRO  
CINTURÃO VERDE.**

1. Qual a idade do chefe da família? \_\_\_\_\_
2. Sexo do chefe da família ( ) F ( ) M
3. Grau de instrução do chefe da família.  
( ) Analfabeto ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo.
4. Profissão do chefe da família \_\_\_\_\_
5. Quantas pessoas residem na casa? \_\_\_\_\_. Quantos adultos? \_\_\_\_\_. Quantas crianças? \_\_\_\_\_
6. Sua casa possui abastecimento de água? ( ) Sim ( ) Não De que tipo?  
( ) poço profundo ( ) da rua ( ) poço artesiano ( ) de chuva ( ) não sabe
7. Com que frequência é coletado o lixo?  
\_\_\_\_\_
8. Há energia elétrica? ( ) Sim ( ) Não ( ) Outros

9. Que ano foi criado o assentamento? Como foi o processo de construção?
10. Quais os benefícios e as dificuldades que são mais evidentes para os moradores do local?
11. Recebem apoio de alguma instituição? Da prefeitura?
12. Levando em consideração as atividades desenvolvidas, as relações, os costumes, vocês se identificam como sujeitos urbanos ou rurais?
13. O trabalho desenvolvido é apenas a produção agrícola?
14. A proximidade com a zona urbana contribui para a implantação de serviços e de políticas?
15. Cametá possui um vasto território, como o poder público trabalha nesses aglomerados?

## APÊNDICES 02



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO  
TOCANTINS/CAMETÁ FACULDADE DE GEOGRAFIA CURSO DE  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA.

**TCC: A RELAÇÃO DO RURAL-URBANO NO BAIRRO CINTURÃO VERDE  
EM CAMETÁ, PARÁ**

**DISCENTE:** Luís welbson Farias Serrão Turma: Geografia 2016

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Mario Júnior de Carvalho Arnaud

**ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO JUNTO AO REPRESENTANTE DO  
PODER PÚBLICO MUNICIPAL DE CAMETÁ NO ANO DE IMPLANTAÇÃO  
DO PROJETO DE ASSENTAMENTO CINTURÃO VERDE.**

1. O poder público municipal trabalhou o planejamento territorial em Cametá na época de implantação do projeto?
2. Quais são os critérios utilizados para a definição do urbano e do rural?
3. Quais as principais especificidades da cidade de Cametá? Isso influencia na definição dos espaços?
4. Quais os instrumentos de planejamento demandados a partir do Plano Diretor Participativo o município conseguiu efetivar?
5. Cametá possui um vasto território, como o poder público trabalhou nesses aglomerados?
6. E o meio rural tem sido atendido enquanto a implantação de políticas e serviços?

7. O assentamento cinturão Verde na época estava localizado próximo a zona urbana, mas ainda assim não havia investimento algum no local, enquanto garantia para qualidade de vida. Faça uma breve explanação sobre a situação?
8. A prefeitura na época estabeleceu parcerias com instituições como INCRA/ Prelazia de Cametá? Outros?
9. Quem foram os beneficiários dos terrenos da área? Que critérios foram utilizados nessa divisão?
10. Não sua concepção porque o projeto fracassou?